



Cada tridente em seu lugar e outras crônicas, de Cidinha da Silva

por Rosane Borges

Camaradas e companheiros versados e letrados nesta lida! A crônica estava falida, mas agora está morta... Morreu daquela generosidade torta com que tratou o esquisito e o deplorável, tentando aprisioná-los em conceitos palatáveis para os abomináveis leitores de domingo. A crônica morreu por omissão, ao circunscrever os fatos ocorridos em textos suaves, coloridos, doces e digeridos. Assim, morreu de indigestão na contramão desses tempos em que todos os sentidos são possíveis, especialmente os indecifráveis, indefiníveis ou condenáveis...

Fernando Bonassi

CADA TRIDENTE
EM SEU LUGAR E
OUTRAS CRÔNICAS

Cidinha da Silva



Título:
Cada Tridente em seu lugar e outras crônicas.

Autora:
Cidinha da Silva.

Edição:
São Paulo: Instituto Kuanza, 2006

Não raro, nos deparamos com declarações desencantadas que atestam a morte de determinado gênero literário. É certo que, sufocados pela profusão de dizeres e escritas, pelas condições de produção, alguns modos de expressão tradicionais se vêm ameaçados em meio à vertiginosa gama de textos. Mas não só. Bonassi, com o excerto acima, chama a atenção para o fato de a crônica ter se acovardado, se acomodado às previsíveis colunas esportivas, com seus igualmente previsíveis textos. A copa do mundo, pródiga em produzir crônicas e cronistas, é um exemplo que aquilata as inquietações de Bonassi.

Nesse universo quase desolador, nem tudo está perdido. O recém lançado *Cada tridente em seu lugar e outras crônicas*, de Cidinha da Silva, editado pelo Instituto Kuanza, é uma renovada possibilidade para se cultivar esperanças com o gênero. Cidinha não se acovarda, não acomoda o seu texto às fórmulas usuais, aceita o desafio de habitar o terreno das questões do “núcleo duro”, desertadas que foram pelas crônicas costumeiras que povoam as páginas dos nossos jornais. Mas, atenção: quem acha que vai encontrar um livro panfletário, engana-se! Com 30 crônicas, inicialmente foram selecionadas 39, o livreto (a alusão nesses temos refere-se tão-somente ao tamanho) é manufaturado com acontecimentos do mundo prosaico, produzido por arranjos e rearranjos das coisas simples que fazem parte de nosso viver rotineiro. Se a

Rosane Borges

Jornalista doutoranda em comunicação e linguagem pela ECA / USP, integrante do instituto KUANZA.

construção do sentido das coisas e da vida é a eterna busca que nos reúne, que nos irmana, nos humaniza, Cada tridente tem valor inestimável: ele nos dá a dimensão da relevância do dia a dia na construção do sentido e do valor. Nessas condições se entreabrem novas possibilidades de se pensar a nós mesmas(os) e aos outros. São relatos de uma mulher negra que atravessa, ao mesmo tempo em que compõe, a paisagem a ser olhada; paisagem marcada pelas subjetividades, pela orientação sexual, pelo racismo e sexismo...

Como ela mesma nos ensina, o livro está estruturado, pelo menos, em três perspectivas parcialmente diferentes: a primeira é destinada a “um pedido de licença”, é o terreno em que ela finca suas raízes, sua relação com o transcendente; a segunda diz respeito às subjetividades, à relação de gênero, à sexualidade; e a terceira e última ocupa-se das relações raciais. Para Cidinha, a terceira parte foi a mais desafiadora.

Se não há linguagem escrita sem alarde, as crônicas de Cidinha fazem barulho, mas é um barulho interno, que nos provoca, nos motiva a partilhar com ela acontecimentos e situações dos quais foi protagonista ou telespectadora. Na espessura de suas crônicas, a solidão de uma escrita busca, e encontra, pares concordantes e discordantes. O que apresento aqui é um texto-entrevista, entretecido pelas declarações literais da escritora e por comentários meus.

Indagada sobre os temas do seu livro, Cidinha revela: procurei escrever crônicas em que pudesse falar de mulheres negras, orientação sexual, lésbicas, gays, racismo, sexismo. A minha preocupação foi não produzir algo panfletário, mas politicamente posicionado. Quis escrever coisas sobre o cotidiano com frugalidade. As formas de expressão foram cuidadas para se ter um produto que não se equivoque quanto à sua natureza literária.

Mas, em se tratando de uma escritora que escreve de um lugar de fala posicionado, Cidinha se acercou de escritoras negras brasileiras e de outros países, filiando-se também a elas: Lêda Martins, (para ela, uma das nossas melhores:

"cada frase de Leda é escrita com tanto esmero"), Mirian Alves, uma grande divulgadora da "literatura feita pela mulher negra", Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Audre Lorde (não traduzida no Brasil), Toni Morrison, Bell Hooks, Alice Walker e Paulina Chiziane.

Para Cidinha, essas referências são o que a faz escrever “a partir do que a gente é, falar do lugar de mulher negra”. “Essa já é uma perspectiva afrocentrada”, assevera ela. Quando inquirida sobre as dificuldades que as mulheres tiveram de ser inscrever nos seus próprios escritos, vide os poemas e romances de escritoras que foram enunciados na voz masculina, como os de Cecília Meireles, Cidinha avalia que as mulheres negras têm encontrado espaços onde conseguem articular o feminino-negro de sua linguagem. Para ela,

os Cadernos Negros foram produções importantes para o nosso crescimento no campo literário, para que a nossa própria voz torne viável a travessia dos desejos.

Mulher-negra-que-escreve, Cidinha não se furta em seu labor prático-discursivo em trazer à superfície as sutilezas do racismo, do sexismo, das subjetividades, mas opera sempre no registro da leveza, do cômico, da singeleza. Talvez seja por isso que, tranqüi-

lamente, Cidinha ajuíza: “com as idiossincrasias a gente brinca, com o racismo a gente briga, enfrenta, combate”. Ao assim fazer, nossa escritora nos oferece um livro maduro e fiel às suas intenções.

Se, como disse Antonio Candido, na crônica, "tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida..." Certamente, da janela em que se vê o mundo, Cada tridente em seu lugar e outras crônicas nos torna mais maduras(os) e fortalecidas(os) para voltar ao mundo como ele é, aventando possibilidades de como deve ser. Valeu Cidinha!

